

URBANIDADES E TERRITORIALIDADES EM ASSENTAMENTO NA FRONTEIRA AMAZONAS-PARÁ

Anderson de Souza Tavares (1); Renan Albuquerque Rodrigues (2)

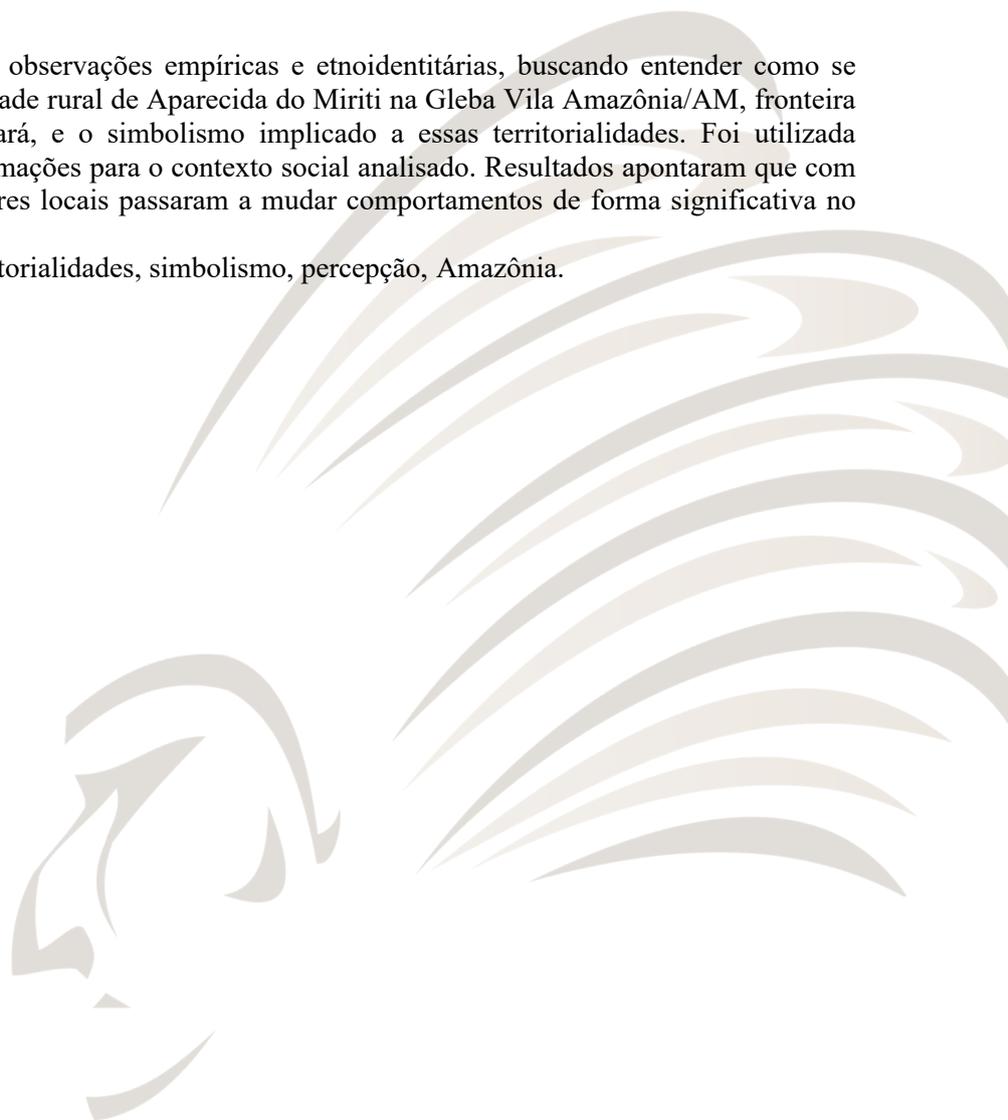
(1) *Professor do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas, Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Geografia (PPGG) da Universidade Federal do Amazonas (UFAM) – adesouzatavares@yahoo.com.br*

(2) *Professor Permanente do Programa de Pós-Graduação em Sociedade e Cultura na Amazônia (PPGSCA) da Universidade Federal do Amazonas (UFAM) – renanalbuquerque@hotmail.com*

Resumo:

Partiu-se de pesquisa com base em observações empíricas e etnoidentitárias, buscando entender como se formam territorialidades na comunidade rural de Aparecida do Miriti na Gleba Vila Amazônia/AM, fronteira do Estado do Amazonas com o Pará, e o simbolismo implicado a essas territorialidades. Foi utilizada observação participante, com aproximações para o contexto social analisado. Resultados apontaram que com a chegada de modernidades moradores locais passaram a mudar comportamentos de forma significativa no tangente a percepções do entorno.

Palavras-chaves: Urbanidades, territorialidades, simbolismo, percepção, Amazônia.



Introdução

Pensar espaços rurais amazônicos envolve reflexões que perpassam discussões conceituais acerca do espaço/território e do modo de vida de povos do bioma. A gleba Vila Amazônia, onde se encontra a comunidade de Aparecida do Miriti, é exemplo do atual quadro do rural amazônico de controvérsias, no Estado do Amazonas.

O trabalho se propôs a investigar em que medida a inserção de elementos urbanos na comunidade, área rural do município de Parintins/AM, fronteira com o Estado do Pará, Norte do Brasil, tem influenciado moradores no contexto de suas relações com o espaço vivido, com o tempo e suas territorialidades. Tal inserção, concebida em função de urbanidades no rural, vem ocorrendo desde o fim do século passado na gleba de Vila Amazônia, além de outras áreas da zona rural parintinense, por meio de políticas públicas que impactam as localidades.

A gleba Vila Amazônia é uma área de Assentamento localizado à margem direita do Rio Amazonas e do Paraná do Ramos, com distância de 365 km em linha reta da capital do Estado do Amazonas, Manaus, com acesso por via fluvial, e cerca 5 km distante da sede do município Parintins/AM. Antes chamada de Vila Batista, surge a partir da busca por alternativas econômicas para o Amazonas após o ciclo econômico da borracha, sendo oferecida a japoneses migrantes, com cerca de 1 milhão de hectares, para a produção agrícola com mão de obra especializada, na década de 1930.

O cultivo da juta se tornou a base econômica de produção local, pois a fibra era vendável no mercado internacional e não era produzida em larga escala por outros países. Para atender a demandas de colonos japoneses, a sede da Vila Amazônia recebeu infraestrutura: barracões para estocagem, olarias, serrarias, armazéns e casas para trabalhadores. A juta prosperou e, mesmo com a retirada dos migrantes japoneses do local durante a Segunda Grande Guerra, tendo em vista a aliança entre Japão e Alemanha, a Vila despontou na produção da fibra – até o declínio na década de 1980.

Com o fim do ciclo, a localidade passou a fazer parte de projetos de colonização para assentamento do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (Incra), que projetou Vila Amazônia com o objetivo de atender a 1.800 famílias de agricultores tradicionais da área do projeto da colonização japonesa. Os lotes do assentamento possuíam dimensão aproximada de 25 hectares (PRA:2005-2007/MDA-INCRA, 2007, c.f. SILVA *et al.*, 2014).

Ao longo do tempo, a infraestrutura montada pelos japoneses na Vila foi se deteriorando. Porém, a partir do início dos anos 2000, conjunto considerável de políticas públicas foi destinada à localidade, que voltou a passar por processo de mudança de infraestrutura. Compactação de terra e pavimentação de ruas, criação de estradas entre comunidades situadas na área do assentamento, bem como consolidação de redes de abastecimento de água e implantação de energia elétrica foram executados.

A ampliação na área de cobertura do serviço de telefonia móvel também foi decisiva para o reordenamento laboral. A inserção de elementos do urbano no espaço rural, que autores como Rua (2006) passam a entender como “urbanidades no rural”, culminou no surgimento de territórios híbridos nessas localidades, provocando mudanças no cotidiano das pessoas. O fenômeno vem ocorrendo, hoje, em comunidades da gleba Vila Amazônia, mesclando o modo de vida rural a vivências proporcionadas segundo o modo de vida urbano. Nesse sentido a pesquisa foi orientada, tendo em vista apreender o fenômeno da urbanização da Vila.

Metodologia

Seguindo uma proposta de pesquisa qualitativa, partimos de levantamentos bibliográficos pautados na temática de urbanidades rurais e territorialidades, buscando fazer uma ligação com a realidade amazônica. Além disso, foram realizadas observações diretas e entrevistas com os moradores da comunidade alvo da pesquisa, como técnica para obtenção dos dados necessários.

Para a coleta de campo, foram necessárias cinco visitas. A primeira, à área urbana da Vila. Foi observado o grau de infraestrutura urbana implantada a partir de políticas públicas. A comunidade de Santa Maria de Vila Amazônia, onde se situa a área urbana do lugar, é conhecida localmente por ser a sede da gleba, e “guarda em si a história de ocupação e transformação do espaço por japoneses (década de 1930 – século XX) e portugueses (década 1950 – século XX)” (RAMOS, 2013, p. 28).

Na segunda visita, partiu-se em busca de comunidades próximas, chegando à região do lago do Miriti, cerca de 6 km distante (por estrada) da sede da Vila Amazônia. Nessa área encontram-se três pequenas comunidades, dentre as quais a comunidade de Aparecida do Miriti. A escolha dessa comunidade se deu pelo fato da existência de escola, rede de energia elétrica, abastecimento de água e cobertura do serviço de telefonia móvel, proporcionando suporte mínimo para se investigar a influência que elementos do urbano têm no cotidiano dos moradores.

Definido o local de estudo, foram necessárias mais três visitas à comunidade para entrevistar moradores locais e experienciar, junto a eles, o atual quadro cotidiano existente entre os agentes estudados. Partindo dessa coleta, procurou-se inferir em que medida as urbanidades contrastam com o cotidiano local, positiva ou negativamente, em função de dinâmicas do dia a dia e complexidades sociohistóricas.

Resultados e Discussão

Urbanidades rurais segundo simbolismos e territorialidades

O espaço rural vem passando por (trans) formações potenciais nas últimas décadas na Amazônia. A visão de um espaço associado à terra, à natureza e a processos naturais vem sendo substituída por espaços cada vez mais culturalmente modificados. No dualismo campo *versus* cidade, desde o fortalecimento da industrialização, que potenciou o capitalismo, o espaço interiorano (ou meio rural) ficou marcado como espaço antagônico à cidade (ou meio urbano).

“O urbano representava o símbolo da modernidade e de desenvolvimento e o rural aparecia como símbolo do atraso cultural, social e econômico” (MARTINS e SOUZA, 2010, p. 38). Essa forma de pensar o rural levou à intenção de apropriação desse espaço pelo capital por meio da inserção de técnicas e modernizações via processos produtivos, embasando-se pela ideia de que o campo é lugar a ser explorado e transformado (RUA, 2006).

A ideia de desenvolvimento, cara ao capitalismo, norteou ações do Estado brasileiro com foco para o espaço rural do país. Políticas públicas de infraestrutura foram geradas a partir de políticas estatais voltadas para o campo. Ao que parece, houve necessidade de tirar o campo do suposto atraso em que se encontrava, de levar a modernidade e o desenvolvimento, para além da modernização, mecanização e produção, ocorridas a partir da década de 1950.

Programas de governo, como o “Luz Para Todos”, possibilitaram a transmissão de energia elétrica a áreas rurais afastadas de centros urbanos, além de fomentarem a implementação de redes de abastecimento de água, muitas vezes embasada na extração a partir de poços artesianos. Algumas comunidades, além da energia elétrica, tiveram pavimentação de vias, construção de postos de saúde, escolas com equipamentos de informática e acesso à internet, bem como serviços de telefonia móvel.

A partir de inserções de aparelhos urbanos no meio rural, observou-se a emergência relacionada à categoria “urbanidades no rural”, que se caracteriza pela formação de espaços/territórios híbridos. O espaço rural passa a denotar outros símbolos e territorialidades, que

outrora não o caracterizavam. “O rural imaginário construído pelos processos de aburguesamento estaria desaparecendo em um paradoxal processo de desterritorialização e de presentificação” (MOREIRA, 2003, p. 123).

A paisagem do campo passa a ser fundida a mídias televisivas e da internet. Conversas em barracões de comunidades, agora ocorrem online, via WhatsApp ou Facebook. Automóveis e motocicletas substituem carroças e bicicletas. As reuniões de igreja dividem atenção com bate-papos em redes sociais via aparelhos móveis.

Nota-se um rural que pouco se vincula, imediatamente, ao agrícola (RUA, 2006). Os hábitos são modificados. O frango congelado, a salsicha, a sardinha em lata e a carne em conserva substitui o alimento das hortas e das criações de galinha, patos, porcos, peixes, entre outros, que por muito tempo serviram de base para a alimentação no meio rural.

Ambiguidades notificadas, formam-se as mudanças de costumes. O capital dissemina novas formas de relação no trabalho. O mutirão, ou puxirum, passa a incorporar valores econômicos para serem realizados. “[...] aqueles que recebem financiamento de crédito rural acabam virando patrão, pois passam a pagar o trabalho que antes era desenvolvido através do trabalho coletivo” (MEDEIROS, 2013, p. 5). Ideias controversas passam a influenciar simbolismos da pessoa do campo (c.f. MOREIRA, 2003).

Crê-se um rural que se contrapõe às ideologias impostas pelo capital. Mas a ideia do dualismo antagônico entre campo e cidade passava a ser questionada. E na Vila Amazônia – como em inúmeras localidades da região amazônica – não foi diferente. Urbanidades no rural, assim como as ruralidades no urbano, revelaram espaços dinâmicos e complexos, com territorialidades atravessadas, mais bem compreendidas a partir de percepções múltiplas daqueles que vivem esses cotidianos, com modos de vida diretamente afetados por fenômenos afeitos a essa complexidade.

Partindo do apresentado conceitualmente, o tópico que segue almejou expor em que medida os moradores da comunidade de Aparecida do Miriti percebem e concebem as mudanças no espaço vivido, criando e recriando territorialidades e simbolismos calcados em urbanidades no rural da comunidade da gleba de Vila Amazônia.

Modificações na comunidade de Aparecida do Miriti

A transformação da paisagem observada leva a concepções diferentes, pois “o espaço geográfico não é um espaço em branco a ser preenchido” (DARDEL, 2011, p. 33). A geografia não pode ser indiferente à essa concepção. O espaço deixa de ser concebido senão quando vivido pela

peessoa a ele ancorada. “A geografia permanece, habitualmente, discreta, mais vivida que exprimida” (DARDEL, 2011, p. 34). É por suas atividades que a humanidade exterioriza relações com a terra.

São experiências e significados que afloram em função de inserções de elementos ao espaço das pessoas, que criam e recriam territorialidades, que levam agentes a mudarem seus modos de vida e tomarem o rural e o urbano como híbridos, em um mesmo espaço geográfico. No contexto, expõem-se resultados da pesquisa realizada na comunidade de Aparecida do Miriti, município de Parintins.

Segundo informações do presidente da comunidade de Aparecida do Miriti, F.J.C.M., de 47 anos, a comunidade surgiu a partir de doações de terras realizadas por fazendeiros e grandes proprietários da região do lago do Miriti. Documentos comprobatórios da fundação foram perdidos em incêndio ocorrido há anos no prédio onde funcionava a sede da comunidade, chamado de barracão, onde ocorriam reuniões em assembleias para se discutir assuntos de interesse individual e coletivo de agentes pertencentes ao grupo.

Partindo de narrativas de moradores locais, como alternativa à escassez documental, entendeu-se terem havido mudanças na vida dos agentes após o início da inserção das urbanidades rurais. A percepção da mudança é maior para os agentes que vivem naquela localidade há mais tempo, alguns com histórico de residência de mais de 40 anos no local. Pela fala dessas pessoas, relações interpessoais eram acentuadas no pretérito da inserção de urbanidades no espaço da comunidade.

“Até antes da luz, as reuniões eram bem participadas”, relata um morador, fazendo alusão às conversas que ocorriam no barracão da comunidade. “Com a chegada da energia, cada um já tem sua televisão (...) e aí deixam as reuniões de lado [...] não dão mais importância pras coisas da comunidade.”, continua F.J.C.M.

A práxis da individualidade, comum em áreas urbanas, foi incorporado ao status diários das pessoas que residem na comunidade de Aparecida do Miriti, principalmente dos moradores com idade entre 15 e 30 anos. A maioria experimenta viver alguma temporada na cidade de Parintins, ou em cidades próximas, como Juruti/PA e Manaus/AM, por exemplo. Outros partem em busca de estudos, mandados pelos pais; outros em busca de condições de vida diferentes das oferecidos na comunidade.

Não raro, notou-se, o contato com realidades diferentes influencia na visão de mundo, uma vez que desejos conferidos em contextos de urbanidade compõem quadros que não se desvinculam

fácil da ideia de modernidade e consumo. Ao retornarem para a comunidade, agentes que tiveram proximidade com cotidianos citadinos afirmaram dificuldades em se adaptar novamente ao modo de vida local. “Hoje, me sinto como se estivesse na cidade!”, exclama um dos agentes entrevistados, C.C.C., de 35 anos, ao se reportar à promoção da energia elétrica e da abrangência da área de cobertura da telefonia móvel.

A moradia também é elemento mudado a partir de influências urbanas. Segundo o relato de J.C.M., de 49 anos, no início da comunidade, há mais de cinco décadas, as casas eram, na maioria, feitas de palha, tendo algumas de barro (taipa). Com o passar do tempo, palhas e barro mudaram para o uso de madeira, naturalmente mais resistente a intemperes do clima. As casas não apresentavam divisões em cômodos, segundo o mesmo relato, mas em seguida outras mudanças se deram. “Nossas casas eram parece um barracão, só com alguns esteios para atar as redes. Não tinha esse negócio de sala e cozinha, era tudo junto”.

Com as casas de madeira, a ideia de separação em cômodos predominou nas construções. A chegada da energia elétrica e da água encanada asseverou a tendência. “Agora a nossa casa tem quarto, sala e cozinha. E o banheiro agora é dentro da casa. Ficou melhor, porque antes a gente tinha que ir no fundo do quintal naqueles banheiros de madeira”, relata a senhora R.C., de 57 anos, na comunidade há 51 anos. “Tá melhor assim, porque a gente deixa a televisão na sala e quem quiser assistir fica lá”, continua R.C., que estava com sua casa em reforma no momento da entrevista, colocando alvenaria nos cômodos.

A subdivisão da casa cria territorialidades distintas na moradia dos agentes. Outras simbologias passam a compor o modo de vida dos agentes dentro de suas moradas. “Antes, aqui em casa, nós conversávamos muito no horário do almoço, sentados à mesa, sobre muitas coisas: caça, pesca, roça. Hoje, os meninos querem almoçar na frente da televisão e os assuntos são os que passam na TV”, fala a dona M.J.T., 51 anos. É notório que o contato com notícias transmitidas pela televisão distancia agentes de temas locais da comunidade.

O hibridismo via inserção de elementos midiáticos provoca entalhamentos aos comportamentos na casa, que passam a conformar espaços mistos. “Hoje, muitos dos que vivem aqui nem roça têm mais”, afirma F.J.C.M, de 47 anos. “Alguns vivem do comércio de estivas, outros prestam serviço pra prefeitura aqui na escola da comunidade, como vigia, merendeiro”, continua ele. São atividades que emergem e se concretizam como alternativas mantenedoras de renda, criando indefinições e controvérsias, mas também conformando potencialidades.

Característico na configuração da paisagem de interiores amazônicos, o campo de futebol ganha significados diversos. “Antes tinha briga pra jogar bola no domingo à tarde. Hoje, se tem jogo na televisão ninguém vem mais”, conta R.R.D., 42 anos. “Final da tarde fica uma turma jovem no celular, na arquibancada do campo”, fala W.C.C., 21 anos, justificando que o campo é onde o sinal da cobertura da telefonia móvel é melhor. “Hoje o campo está abandonado. Era o nosso lugar de diversão. Agora só serve pros jovens ficarem sentados olhando internet no celular”, continua R.R.D.

O “rural torna-se, cada vez mais, diferente de agrícola”, (RUA, 2005, p. 48) e passa a apresentar descontinuidades territoriais que levam as pessoas a reincorporarem símbolos. “A energia mudou a rotina de trabalho da gente!”, fala J.M.R, de 41 anos. “Antes, a gente pescava a noite e ia pra roça ainda de madrugada. Hoje eu trabalho na condução escolar e pesco de vez em quando. Eu costumo acordar seis horas e vou pro trabalho. Assisto minha televisão, a água chega no meu jirau e não preciso mais ir pegar água lá na beira [do rio]. Tem coisa melhor?”, finalizando com uma risada.

O exemplo acima mostra como as urbanidades no rural modificam o modo de pensar e agir nas comunidades ribeirinhas onde passa a compor o cotidiano dos moradores locais. O tempo muda. Os hábitos mudam. Apesar disso, ainda é evidente que a essência do rural ainda é notória. As características do campo ainda são evidentes e se mostram só de olharmos para cada casa, ou para o panorama da paisagem que se exhibe da comunidade. Afinal, ainda se vive em grande contato com a natureza e, apesar de mudanças marcantes, ainda existe os laços primordiais que norteiam a vida do caboclo ribeirinho amazônico.

Conclusão

A configuração de novas territorialidades, novos símbolos, cria um outro lugar partilhado, nem melhor, nem pior, sendo este um espaço que reflete mudanças no modo de vida a partir da inserção das urbanidades no rural, provocando ressignificações do espaço vivido fortemente influenciado por choques culturais (TUAN, 2013).

Mas assim como vem ocorrendo em muitos lugares rurais amazônicos, aqui exemplificado pela comunidade de Aparecida do Miriti, há transformações que mostram o dinamismo do espaço geográfico. Essas transformações mesclam urbano e rural em territórios cada vez mais híbridos, levando a repensar definições de limites entre campo e cidade.

A experiência vivida na comunidade de Aparecida do Miriti apontou que o espaço geográfico é sincrônico e perpassa por simbologias que atravessam territorialidades cada vez mais dinâmicas. Significa dizer que, na comunidade estudada, fundamentos relacionados a normas sociais, morais coletivas e éticas ponderadas entre nativos estão em alterações potenciais. Seja negativamente ou positivamente, a tendência é que estruturações se deem na medida em que a realidade decorre. Assim, vemos um exemplo de espaço de vida que é dinâmico tanto quanto a comunidade que o vive em seu cotidiano, apresentando-se diverso, simples e complexo ao mesmo tempo.

Referências

COSTA, Luís Fernando B. da; SILVA, Charlene Maria da; ANDRADE, Francisco. Alcicley. A inserção do urbano e as transformações sócioespaciais em comunidades rurais: um estudo na comunidade de Bom Socorro do Zé Açú, no município de Parintins – AM, Brasil. *In: Contribuciones a las Ciencias Sociales* [on-line]. Málaga, Agosto 2013.

DARDEL, Eric. O homem e a terra: natureza da realidade geográfica. Tradução de Werther Holzer. São Paulo: Perspectiva, 2011.

MARANDOLA JR., Eduardo; ARRUDA, Zuleika A. Urbanidade e ruralidade no Brasil e as redefinições entre campo e cidade. *Boletim de Geografia*, v. 23, p. 21-38, 2005.

MARTINS, Geraldo. I.; SOUZA, Ângela. F. G. de. A relação campo e cidade: novas urbanidades e ruralidades, definições e (re)definições. *Caminhos de Geografia – revista on-line*. v. 11, n. 36, p. 37-51, dez. 2010.

MEDEIROS, Mônica Xavier. Memórias, Histórias e Reforma Agrária em Vila Amazônia (Parintins/AM). *In: Encontro Regional Sul de História Oral, VII, 2013, Foz do Iguaçu. Anais do Encontro Regional Sul de História Oral, 2013. v. 1. p. 1-7.*

MINISTÉRIO DO DESENVOLVIMENTO AGRÁRIO/INSTITUTO NACIONAL DE COLONIZAÇÃO E REFORMA AGRÁRIA (2007b). PRA - Plano de Recuperação do Projeto de Assentamento Vila Amazônia – 2005-2007. MDA/INCRA/COOTEMPA/ Parintins (AM.).

MOREIRA, Roberto José. Cultura, Política e o Mundo Rural na Contemporaneidade. *Estudos, Sociedade e Agricultura*. Rio de Janeiro: CPDA-UFRRJ, n. 20, abril, 2003, pp 113-143.

NOGUEIRA, Amélia Regina. Percepção e representação gráfica: a geograficidade nos mapas mentais dos comandantes de embarcações no Amazonas. Manaus: EDUA, 2014. 222p.

RODRIGUES, Jeane, ALBUQUERQUE, Carlossandro. Assentamentos Agrários da Gleba de Vila Amazônia em Parintins – AM. *In: Encontro de Geógrafos da América Latina, X, 2005, São Paulo. Anais. São Paulo: USP/EGAL, 2005.*

RUA, João. A Resignificação do Rural e as Relações Cidade-Campo: uma contribuição geográfica. Revista da ANPEGE, Fortaleza, 2005, vol. 2, n. 2, pp. 45-66.

RUA, João. Urbanidades no rural: o devir de novas territorialidades. CAMPO TERRITÓRIO: Revista de Geografia Agrária, Uberlândia, v. 1, n. 1, fev. 2006, p.82-106.

SILVA, José. Gonçalves da. Ruralidades e Urbanidades: territorialidades da agricultura familiar no município de Porto da Folha/SE. *In*: CONGRESSO BRASILEIRO DE GEÓGRAFOS, VII, 2014, Vitória. Anais. Vitória: UFES/AGB, 2014.

SILVA, Lindomar de J. de Sousa; MENEGHETTI, Gilmar A.; PINHEIRO, José Olenilson C.; GUIMARAES, Rosângela dos R. A dinâmica socioeconômica das comunidades rurais amazônicas: o caso da Comunidade de Nossa Senhora do Rosário - Parintins – AM. *In*: Congresso da Sociedade Brasileira de Economia, Administração e Sociologia Rural, 52, 2014, Goiânia. Heterogeneidade e suas implicações no rural brasileiro: Anais. Goiânia: Sober, 2014.

SOUZA, José Camilo R. de. A geografia nas escolas das comunidades ribeirinhas de Parintins: entre o currículo, o cotidiano e os saberes tradicionais. Tese (Doutorado em Geografia Física). Departamento de Geografia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

TAVARES, Anderson de S.; NOGUEIRA, Amélia Regina B. A Ressignificação do Espaço Vivido nas Áreas Rurais da “Gleba de Vila Amazônia” no Município de Parintins/AM. *In*: Congresso Brasileiro de Geógrafos, VII, 2014, Vitória. Anais. Vitória: UFES/AGB, 2014.

TUAN, Yi-Fu. Espaço e lugar: a perspectiva da experiência. Tradução de Livia de Oliveira. Londrina: Eduel, 2013.

VELHO, Otávio. O conceito de camponês e sua aplicação à análise do meio rural brasileiro (1969). *In*: WELCH, Clifford Andrew; et. al. (orgs). Camponeses brasileiros: leituras e interpretações clássicas, v.1. São Paulo: Editora UNESP; Brasília, DF: Núcleo de Estudos Agrários e Desenvolvimento Rural, 2009.